

BLUMENAU

EM

CADERNOS

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Schrader S/A Comércio e Representações

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXX

Janeiro de 1989

Nº 1

SUMÁRIO

Página

A biografia de um descendente de imigrante e um grande brasileiro	2
O Dr. Bento Fernandes de Barros	4
O progresso da agricultura e de outras atividades em Blumenau descritas por jornais da Colônia	6
Um documento que originou a nomeação de Eduardo Hoerhann para o serviço de pacificação dos índios em Ibirama	13
Subsídios Históricos	14
A preocupação com a ecologia há 50 anos	15
Das sagas ou histórias dos índios Kaingangues e Coroados	16
Informações biográficas	19
Aconteceu — Nov/Dez/1988	20
Comunidade Católica de Santa Isabel — Garcia — Notas	23
A história de Ibirama na correspondência dos imigrantes	27
Os imigrantes alemães no Brasil e considerações de Vieira da Rosa	29
A luta de Brusque pelo sonhado ramal ferroviário	31

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) Cz\$ 850,00 + 150,00 (porte) = 1.000,00

Número avulso Cz\$ 100,00 — Atrasado Cz\$ 200,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 1.500,00 + 500,00 (porte) = 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

A biografia de um descendente de imigrante e um grande brasileiro

EM UM NÚMERO EXTRA DO "BLUMENAUER ZEITUNG" FOI EDITADO EM 19 DE JANEIRO DE 1907 UM ARTIGO REFERENCIANDO A VISITA DO DR. LAURO SEVERIANO MÜLLER A BLUMENAU

"É muito divulgado e erroneamente expressa a opinião que na nossa segunda pátria Brasil um descendente de imigrantes alemães nunca chegaria a uma posição de destaque na política e no governo.

Infelizmente esta opinião desastrosa teve como consequência que muitos pais de origem alemã com poucas exceções, não enviaram mais seus filhos de origem alemã a faculdades, academias ou outras instituições semelhantes e mesmo apesar do enraizado preconceito, uma rápida visão na vida de um homem estimado, excelente cidadão, político de visão, que em poucos dias teremos como hóspede, podemos conclamar que isto não é verdade.

Propositalmente citaremos o Dr. Lauro Severiano Müller como um dos nossos, porque Lauro Severiano Müller nasceu a 8 de novembro de 1863 na progressista cidade portuária de Itajaí, onde já seu pai, no ano de 1828, vindo de Koblenz na Alemanha, se estabeleceu. Uma parte de sua infância, o jovem Lauro passou em Blumenau e com 19 anos ingressou na Escola Militar do Rio de Janeiro. Após três anos de estudos em 21 de março de 1885, subiu ao posto de Alfe-

res. Em 23 de janeiro de 1889 passou para Segundo Tenente e não bem um ano depois, a 7 de janeiro de 1890, em reconhecimento à extraordinária participação e serviços prestados, subiu ao posto de Primeiro Tenente; a 18 de março de 1892 para Capitão. Novamente fora de ordem passou a 14 de dezembro de 1900 a Major. No ano passado (1906) foi promovido a Coronel. Ao deixar a Escola Militar o fez no grau de Bacharel, ou melhor, Doutor em Engenharia. No entanto, muito mais importante do que a vida militar é para nós a vida política do Dr. Lauro Müller. Duas vezes os lemes do governo de nosso Estado encontraram-se em suas mãos. Há muito tempo estimado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, cavalgou ao lado deste na Revolução vitoriosa de 15 de novembro de 1889, quando conheceu a queda do regime imperial. Em dezembro do mesmo ano, foi nomeado pelo Marechal, Governador Provisório do Governo de Santa Catarina, com plenos poderes. Passou a seus ombros o difícil encargo da reforma do governo e a reorganização do Estado. Sua mocidade, suas maneiras simples, sua eloquência, seu tato e sua ampla visão o fizeram querido por todos que entravam em contato com ele.

É difícil um governo republicano obter tão rápido e grande êxito público como o Dr. Lauro Müller. Mais do que outro qualquer ele evitou o partidatismo, sem qualquer dificuldade e

conseguiu promover os interesses vitalícios dos quase puros princípios alemães no norte de Santa Catarina, assegurando assim um eterno reconhecimento no coração dos moradores destes municípios. Com maioria o povo catarinense o enviou ao Rio de Janeiro para a Assembléa Constituinte. Quando Deodoro, em fins de 1891, mal aconselhado pelo Barão de Lucena se dispôs ao golpe de Estado, Dr. Lauro Müller negou-se, apesar de toda amizade, no entanto convicto de suas responsabilidades, a apoiar o mesmo na opressão do Estado vizinho, o Rio Grande do Sul, e foi por este motivo de grande influência na decisão de Deodoro em renunciar ao governo. Isto não impediu, no entanto quando sob o governo do vice-presidente Marechal Floriano Peixoto começou o período de demissões; aqui também formou-se um partido de oposição ao Dr. Lauro Müller. Apesar de ter reunido em sua volta na Capital elementos que o apoiassem, homens dos municípios do norte, pela primeira vez, armaram-se para defender a legalidade. Mas, a ponderação do Dr. Lauro Müller e seu amor por seus concidadãos, fizeram com que renunciasse ao governo antes que se derramasse sangue. Voltou ao Rio de Janeiro onde então primeiro exerceu o cargo de deputado federal, e desde dezembro de 1899 como senador por Santa Catarina, ininterruptamente líder do partido governamental catarinense.

Neste período entrou sempre mais em evidência seu extraordinário talento. Já naquela ocasião seu nome foi citado para um Ministério. Mas o mais evidente

atestado de seu talento político e sua capacidade e confiança, foi o do povo catarinense que o elegeu para governador do Estado por todos os partidos, nas eleições de 3 de agosto de 1903.

Levado pela confiança total do povo de seu Estado, esta deveria ser uma época de felicidade e glória para seu desenvolvimento. No entanto, somente poucos dias foram dados ao Dr. Lauro Müller permanecer no Governo do Estado. Rodrigues Alves, a quem fora confiado o Governo Federal pelo período de 1902 até 1906, chamou-o para o grupo mais ligado de seus assessores. A ele foi confiado o Ministério da Viação. Dr. Lauro Müller entregou o governo de nosso Estado nas mãos do eleito Vice-Governador Vidal Ramos e atendeu ao honroso apelo do Chefe do Governo.

Os excelentes trabalhos no campo de sua atividade, como os grandes melhoramentos no porto do Rio de Janeiro, comprovam suas aptidões administrativas e relegaram seu nome no futuro como nosso cidadão mais ilustre.

Nós, catarinenses de origem alemã, podemos nos orgulhar que Dr. Lauro Müller também tem a mesma origem. Ao mesmo tempo a atuação honrosa e bem sucedida do Dr. Lauro Müller deveria ser um incentivo para nós de enviar mais filhos nossos às Academias Estaduais e Militares da nossa nova Pátria, sem no entanto, esquecer a origem, ou idioma e costumes.

Neste sentido, trazemos ao nosso ilustre cidadão, nossas felicitações e o recebimento de braços abertos em nosso meio". (Tradução de Edith S. Eimer)

O DR. BENTO FERNANDES DE BARROS

Antônio Roberto Nascimento

É conhecido o episódio histórico acerca do Dr. Bento Fernandes de Barros (cf. João Alfredo Medeiros Vieira, *Notas para a História do Poder Judiciário em Santa Catarina*, 1981, pp. 127-128). Foi o caso de a população francisquense rejeitá-lo, em 1878, quando de sua imperial nomeação para o cargo de Juiz de direito de São Francisco do Sul, em virtude de ele haver publicado um livreto defendendo a Província do Paraná, na célebre questão de limites com Santa Catarina. 403 cidadãos locais redigiram um abaixo-assinado, pedindo ao Imperador que o exonerasse e mandasse um catarinense em seu lugar. Passou maus bocados por aqui.

Sem adentrarmos no mérito de tal episódio, vejamos quem era o Dr. Bento Fernandes de Barros.

Conforme se vê no assento de batismo de sua filha Maria Amélia aos 8 de abril de 1880, nascida aos 22 de novembro de 1879 (livro n. 17 de batizados na Matriz de N. S^a. da graça fls. 153), era ele filho de Miguel Joaquim Fernandes de Barros e de D. Francisca Josefina de Barros. Sua mulher, D. Joaquina Ribas Franco de Barros, era filha do Comendador Manoel de Oliveira Franco e de D. Escolástica Joaquina de Ribas Franco. Padrinhos de Maria Amélia foram: o Comendador Bento José Fernandes de Barros e sua mulher, D. Amélia Dulce Barros da Silva, residentes no Rio de Janeiro e representados, naquele ato, por Antônio Sink e sua mulher D. Joaquina do Nascimento Sink.

Já no batismo da filha Maria Augusta, aos 05 de julho de 1883, em Joinville, nascida aos 13 de março do mesmo ano (livro de batizados n. 5, fls. 189, n. 35), seu pai, "o Dr. Juiz de Direito Bento Fernandes de Barros", é dado como natural do Ceará e sua mulher, D. Joaquina Ribas Franco de Barros, como natural do Paraná. A avó materna é nomeada: D. Escolástica Joaquina de Sá Ribas Franco. Padrinhos foram: o Dr. Wigando Engelke e sua mulher D. Sofia Graf Engelke. Igualmente, no batismo do filho Augusto, aos 18 de outubro de 1881, nascido aos 05 de julho do mesmo ano (livro de batizados n. 5 de Joinville, n. 156), seu pai é dado como "natural da Província do Ceará". Foram padrinhos: o Tenente Antônio Sinke e sua mulher D. Joaquina do Nascimento Sinke. Quando do batismo da filha Maria Cristina, aos 07 de setembro de 1878, nascida aos 18 de março do mesmo ano (livro n. 4 de batismos de Joinville), o pai também é dado como natural do Ceará e a mãe, da Província do Paraná. Ambos "moradores nesta". O avô materno da batizanda é nomeado Brigadeiro Manoel de Oliveira Franco. Foram padrinhos: Francisco Soares Castro e sua mulher D. Olintina Barros de Castro, moradores na cidade do Rio de Janeiro e aqui representados pelo Dr. Wigante Engelke e sua mulher D. Jenny Engelke (sua primeira mulher).

Examinando tais registros eclesiásticos, constata-se que o Dr.

Bento Fernandes de Barros aqui chegou por volta de 1878, passando a residir em Joinville, em face da hospitalidade do povo franciscuense. Já em 1880, no entanto, residia ele em São Francisco do Sul, o que revela, certamente, um declínio daquela hostilidade inicial. Posteriormente, retorna a Joinville. Nova nomeação? Não o sabemos.

Desconhece-se também a data em que se retirou, mas, em 1880, o Juiz de Direito em São Francisco do Sul, já era o Dr. Francisco Ignácio de Carvalho, como nos informa J. A. Medeiros Vieira (ob. cit., p. 99), sendo sucedido, em 1881, pelo Dr. Balbino César de Melo.

É certo que tenha vindo diretamente de Curitiba onde se casou e onde escreveu o livreto causador da polêmica. Onde, igualmente, nasceu seu filho Aristides Franco Fernandes de Barros, que, em Joinville, casou-se aos 10 de novembro de 1888 (arquivos da Catedral). Segundo tal assento, tinha ele 25 anos de idade, era natural de Curitiba, Província do Paraná, de profissão "artista" (sic.) Sua noiva, Jenny Kumlehm, tinha 26 anos de idade e era protestante luterana, filha de Carlos Augusto Kumlehm e de Catharina Bremer. Testemunhas foram: Júlio Antônio Villa Real e Jorge Bernardo Trinks.

No arquivo forense de São Francisco do Sul, encontramos uma bem lavrada sentença do Dr. Bento Fernandes de Barros, anulando partilha de inventário em que fora prejudicada a filha menor e única de Ponciano Antônio de Lemos, depois casada com o Coronel Procópio Gomes de Oliveira e referente à herança de bens de uma tia materna. É sentença que revela profundos conhecimentos jurídicos de seu autor, demonstrando assim o esmero de sua educação.

Eis aí, em rápidas pinceladas, os passos do Dr. Bento Fernandes de Barros pelo norte de Santa Catarina.

A VISITA DO HERDEIRO DO TRONO BRASILEIRO A BLUMENAU

Conforme noticiou o jornal "Der Urwaldsbote",
de (Terça-feira, 15 de novembro de 1938).

"Chegou ontem em visita a Blumenau, Dom Pedro de Orleans e Bragança com sua esposa e seus dois filhos. A ilustre família está hospedada no Hotel Elite. Como filho da ex-regente Dona Izabel, esposa do Conde D'Eu já visitou Blumenau nos anos oitenta."

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

O progresso da agricultura e de outras atividades em Blumenau descritos por jornais da Colônia

(Extraído do Protocolo da Assembléia do Cultur-Verein de 24 de agosto de 1890. — Publicado no "Immigrant" em Blumenau dia 14 de setembro de 1890 — n.º. 37).

Depois da leitura de um artigo publicado na "Magdeburger Zeitung" sobre um assunto intitulado "Sonst und Jetzt Landwirtschaft" (Do contrário e o agora na agricultura) neste artigo o senhor August Müller, presidente do Culturverein, descreve os progressos na agricultura da Colônia, como segue:

"Hoje transcorreram 38 anos em que eu e mais alguns colegas, entre os quais F. L. Sachtleben, nesta época um rapazola de 16 ou 17 anos, penetramos na floresta para ali construir a minha casa e fundar minha existência. No terreno adquirido do Dr. Blumenau, no Vale do Garcia, escolhi um lugar para construir a casa e sob a direção do senhor Mathias Schneider foi iniciado a derrubada de árvores e a limpeza do terreno. Já no dia 27 a casa foi ocupada por nós. Desde então ininterruptamente dediquei-me à agricultura.

Junto ao Itajaí, principalmente na região de Gaspar, já estavam fixadas várias famílias alemães, como por exemplo os Deschamps, Händchens, Waquers, Rinkus, Klocker, etc. Estes mesmos praticavam a agricultura como aprenderam dos brasileiros e também seus descendentes conti-

nuavam no mesmo método. Do preparo da terra com o arado ou beneficiar o solo, nada queriam saber, razão porque hoje se vê na região, grandes faixas de terras planas e pela natureza beneficiadas e ricas áreas, cobertas por capoeira rasteira e não aproveitadas.

Em Blumenau, no entanto, muitos passaram a usar o arado logo que possível. Infelizmente falta qualquer estatística a este respeito. A maioria da terra arável hoje em dia é cuidadosamente avaliada por um bom colono.

No preparo e emprego de um bom fertilizante muito pouca atenção se dá ainda agora.

A alta do preço do café nos últimos tempos fez com que se dedique mais atenção ao cafeeiro. Também no preparo do café colhido já podemos assinalar algum progresso.

Fumo, há 38 anos passados, era cultivado quase que exclusivamente para uso próprio. Atualmente a cultura de fumo é feita em maior escala quase só pelos italianos, e os charutos tornaram-se um artigo valioso de exportação. Agora também começou o preparo do fumo em rolo.

Antes também o plantio de parreiras para obtenção de uma boa qualidade de uvas para o preparo do vinho era tratado com pouca atenção. Atualmente já é preparado um bom vinho por diversos italianos.

Uma grande projeção teve,

há cerca de 20 anos passados, o fabrico do vinho de laranja. A esperança que se tornasse um bom artigo de exportação não se concretizou. No entanto, é muito procurado, e consumido no mercado interno. Mas ao lado da cerveja e aguardente, figura em terceiro plano.

O mesmo aconteceu com a apicultura.

Já houve tempos em que encontrava-se grandes colméias; agora só existe para o consumo próprio.

Também a exportação do ananás não alcançou a meta desejada; o mesmo acontece com outras frutas como o pêssego, a carambola, etc..

Significativo é, no entanto, o progresso na produção leiteira. O gado foi valorizado com a importação da raça holandesa e também a observação de uma boa alimentação prestada ao gado.

O preparo da manteiga e do queijo ainda é feito no estilo primitivo.

O aproveitamento total do leite ainda está longe de ser o ideal e infelizmente nossos colonos não estão interessados na formação de um sindicato próprio.

A suinocultura se expandiu significativamente. Há 38 anos passados não eram criados mais porcos do que o necessário para o consumo próprio. A raça aqui espalhada não fica atrás da americana ou alemã em produção de carne e banha.

Na alimentação dos mesmos uma grande ajuda foi a construção de vários moinhos de farelo.

Enquanto há 38 anos passados poucos ou melhor nenhu-

ma espécie de máquina prestava auxílio na agricultura, agora já temos algumas como a máquina para descascar o café, os arados, máquina de cortar ração, ventiladores, etc..

MEIO DE COMUNICAÇÃO

O rio Itajaí é, da cidade de Blumenau até a Barra, uma excelente via fluvial que por 10 milhas (alemãs) de extensão só um único lugar tem o comprimento de 100 metros, onde por dinamitação o leito deveria ser aprofundado.

É portanto um mistério para aqueles que não estão ao par, porque durante todos os anos que a direção da Colônia dispunha de grandes somas de dinheiro do governo, quase nada fez para regular esta via fluvial. No entanto, foram feitas explosões não observando as indicações dos especialistas, assim por assim, chamadas medidas de economia. Os trabalhos trouxeram mais danos do que benefícios. Enquanto isso, somas onerosas foram gastas na construção de pontes sobre riachos, colocadas muito baixas e que sofreram nas enchentes, exigindo concertos constantemente. Não sobraram uns míseros 20.000 mardos que seriam necessários para remover um obstáculo para todo o sempre e que dificultava o tráfego fluvial.

Existia muito dinheiro também em mãos particulares; mas um vapor não havia. Com muito sacrifício, durante 30 anos consecutivos, eram transportados em duas vezes 24 horas com canoas, mercadorias e pes-

soas até o porto de Itajaí e de volta à Colônia. Este transporte representava para a Colônia uma espécie de "ratoeira" e que colocava à parte, por assim dizer, o mesmo do "mercado mundial". Os barcos à vela às vezes levavam 3 a 4 dias para percorrer as 10 milhas do rio e as curvas do mesmo, quase sempre margeados pelos morros, permitiam que as velas só pudessem ser usadas em pequenas distâncias.

Logo que a Colônia de Blumenau foi emancipada, os comerciantes reuniram-se e formaram uma Companhia Fluvial. Adquiriram na Alemanha um vapor que percorria esta distância em 6 a 7 horas.

O "Progresso" faz este trajeto duas vezes por semana entre Blumenau e Itajaí e vice-versa. Apesar da lenha consumida e os reparos serem caros, este vapor compensa em todos os sentidos. Desde 1889 trafega um segundo vapor, "Jan", propriedade do senhor Grevsmühl e Hering e também inúmeros lanchões. Até Gaspar é possível a vinda de navios costeiros.

Eu desejo à Colônia um movimento diário fluvial com o porto de Itajaí e que dali se estendesse também até Desterro.

De acordo com uma nota publicada em outubro de 1890, pelo governador de Santa Catarina, este liberara para este fim 10 mil marcos.

AS ESTRADAS

Existiam ao todo na Colônia 682 quilômetros de estradas viáveis, isto é, preparadas por engenheiros e cutros entendidos. Também encontramos muitas

pontes, em parte de construção dispendiosa. Algumas estradas existem somente para a passagem a cavalo. Assim, por exemplo, de Bernhard Händchen até a Barra, através do Vale do Jordão para Brusque, e do riacho dos Bugres para o Braço do Sul, etc..

Não obtive informações exatas mas devem ser cerca de 500 a 600 quilômetros.

É bom tom aqui, falar mal e criticar as estradas. Infelizmente, os poucos viajantes que chegaram a conhecer bem a colônia, levaram ainda esta crítica. Quem naturalmente tem a infelicidade de fazer longas viagens em época de chuvas, talvez tenha razão de reclamar. Nesta época as estradas estão saturadas pela água e o barro forma uma massa compacta. Mas algumas horas de vento e sol a estrada estará boa para a passagem. Eu conheço estradas na Alemanha que por semanas tornam-se intransitáveis. As estradas aqui foram construídas há 30, 20 ou 10 anos através da floresta. Lembrem-se como era há 30 anos atrás, na velha pátria, onde já comporta séculos de cultura!

Se fossem melhor conservadas seriam de serventia ao gosto de todos. Mas aqui está a falha. Os colonos estão muito mal acostumados. Quando aqui ainda existia uma diretoria e que possuía meios financeiros do governo, as estradas não preocuparam ninguém, mas apenas ofereciam bom ganho. Agora cada um tem que zelar pelo trecho que atravessa sua propriedade.

A Intendência já está ocupada bastante em conservar as 540 pontes pesadas e as 2.710 meno-

res, as 104 passagens e as 5 grandes balsas sobre o rio.

Um progresso significativo para a colônia é a reabertura da estrada serrana para Curitiba ocorrida em 1888-1889. A Sociedade que realizou esta obra, recebeu privilégios por 30 anos de cobrar uma taxa sobre as tropas de gado e de carga que transitam nesta via. Não só o comércio promete ser bem intenso mas também proveitoso para Campos Novos. Ao mesmo tempo é uma grande vantagem a abertura desta região que é muito rica e fértil.

Como em pequenas coisas se conhece as condições de uma cidade e as pessoas que nela vivem, publico aqui alguns artigos de disposições feitas pela Câmara Municipal de Blumenau.

Art. 7 — Nenhuma charrete, carroça ou outro veículo com tração animal pode ser dirigido por pessoas abaixo de 18 anos!

Artigo 8 — Todos os carroceiros precisam portar o registro do veículo, mais o talão, comprovando terem pago o imposto, para o caso de ser exigido a apresentação pela polícia ou funcionário da Prefeitura.

Artigo 9 — Todos os carroceiros são obrigados:

- 1) transitar no meio da rua ou estrada, a cruzar com outro veículo procurando deixar ao mesmo bastante espaço.
- 2) Deixar uma lanterna acesa sempre ao anoitecer nas estrebarias.
- 3) Ao passar no centro das vilas conservar os animais sempre a passo lento.

Artigo 10 — É proibido:

- 1) atrelar aos veículos animais

ainda não domados e também manter na direção menores de 18 anos.

Artigo 15 — Os que não respeitarem os artigos 1, 3, 4 e 7, terão seus veículos apreendidos e para retirá-los terão que pagar uma multa de 5 mil réis.

Artigo 19 — Aqueles que não respeitarem os artigos 8 e 9, pagarão uma multa de 5 mil réis.

O SISTEMA POSTAL

Deixa muito a desejar no Brasil, apesar de que o país esteja associado ao Sistema Postal Universal.

Mas reclamar sobre o sistema postal no Vale do Itajaí seria uma injustiça. Nos anos que aqui vivi, minha correspondência sempre foi despachada corretamente. Toda a correspondência é retirada no correio em posta restante e a que não é procurada, os nomes dos destinatários são publicados nos dois jornais de Blumenau.

Os agentes postais (carteiros não têm) são na cidade de Blumenau, Gaspar e Itajaí, considerados como personalidades.

Recebem seu pagamento com a metade do valor dos selos pagos que lhes pertence.

O SISTEMA TELEGRÁFICO

Já sob a direção do Barão de Capanema estava excelentemente funcionando no Brasil, e é estendido sempre mais. No entanto, a cidade de Blumenau só recebeu uma estação telegráfica a 9 de julho de 1890. Telegramas para a Alemanha desde então chegam ao destino no mesmo dia.

A RESPEITO DAS FERROVIAS

No nosso Vale já muito falou-se a respeito, mas também ficou nesta base. Uma Sociedade (naturalmente inglesa) fez um estudo em sentido comercial e estratégico tão absurdo de uma linha férrea ao longo da costa que também teria tocado o Vale do Itajaí, mas o governo resolveu voltar atrás e preferiu pagar a Sociedade, os milhões de indenização de que lhes conceder a concessão.

O sr. Paul Schwarzer, de Blumenau, já escreveu no nº 33 da revista "Export", de 1883, sobre a construção de uma ferrovia de Blumenau para Curitiba:

"...A realização deste projeto seria não só de grande influência no desenvolvimento do vale do Itajaí mas de toda a província. Com ela finalmente se ligaria o alto Vale do Itajaí com suas maravilhosas terras e riquezas e seria aberta para uma próspera colonização".

Sobre as facilidades que esta ferrovia traria ao comércio, fala o presidente do "Culturverein" sr. August Müller em Blumenau.

"Os principais artigos que viriam da região serrana não seria somente gado, mas também: o fumo, queijo, carne seca, peles e erva mate. Ao contrário daqui seriam transportados nossos produtos agrícolas, tais como: açúcar, aguardente, vinho de laranja, arroz, farinha de mandioca, etc."

Já começaram as medições no Alto Vale do Itajaí para dentro em breve, lotear as

margens do Trombudo e Pombas.

Também está sendo planejada uma estrada de Lages para a estrada da serra que dirigirá todo o comércio de região serrana ao Município de Blumenau.

Que depois, de tão longa espera, o Vale do Itajaí seja iluminado pela luz de uma nova era e que não seja mais coberta por negras nuvens".

O COMÉRCIO E A INDÚSTRIA

O COMÉRCIO: NO INTERIOR DA COLÔNIA

"Quando atravessamos a Colônia com seus muitos vales, não são poucas as casas que encontramos, nas quais são aceitos produtos e entregues mercadorias. As casas comerciais são chamadas vendas e seus proprietários, vendeiros. O movimento nas vendas, na área urbana, nos vales ou nos entroncamentos de estradas, é bastante intenso. O movimento comercial de alguns negócios é bastante significativo. Os pequenos vivem da mão à boca, a venda é um pequeno negócio a parte, mas onde muitas vezes a roça é negligenciada.

Um grave cancro comercial é o enraizado hábito do empréstimo. Este, para o honesto colono, tem no início a vantagem de que recebeu o necessário para a vida, quando com seu trabalho mostram que o comerciante pode confiar neles. Mas esta consideração também, muitas vezes, é mal paga. Muitos vendeiros poderiam ter continuado seu pequeno negócio se tivessem tido a possibilidade de cobrar o que lhe deviam. Mas não emprestar significa, não fazer negócios.

Um fator paralisante também é o método de troca de mercadorias, muito comum no interior. O colono não tem dinheiro ou quer economizá-lo, precisa porém lançar seus produtos; o comerciante por estes fornece fazenda ou outra mercadoria que o mesmo necessita. Mas ambos precisam ter muito cuidado neste negócio para que ninguém saia prejudicado.

O pequeno negociante fornece as mercadorias em troca aos grossistas com o qual muitas vezes também está em dívida. Assim o "haver" e o "dever" atravessam numa onda confusa toda a colônia. Somente poucas firmas podem conservar-se livres deste modo de comércio, mas totalmente livre, nenhuma.

Com estas condições comerciais não se pode falar num comércio florescente.

A respeito do volume e o valor do movimento comercial da colônia falta naturalmente qual o registro mais concreto, nem mesmo a importação de mercadorias estrangeiras pode ser dado com segurança; poderia ser feito pois, a mercadoria tem que passar pelo porto de Itajaí. Mas para estatística, falta qualquer interesse. Toda a mercadoria passa a duana em Desterro e é transportada depois por vapores fluviais ou lanchões até Blumenau.

A EXPORTAÇÃO

Sobre esta questão escreve o "Blumenauer Zeitung, nº 42, de 16 de outubro de 1886:

"É conhecido aos moradores que após a instalação do município, de 1880 o movimento aumentou inclusive a exportação.

A facilidade com que hoje se efetua o transporte deve-se em grande parte ao vapor "Progresso" que leva as mercadorias até o porto de Itajaí. Sem exagero pode-se afirmar que semanalmente chegam 80 a 100 carroças com produtos do interior, como: manteiga, banha, carne, cigarros, cera, arroz, açúcar, fumo, etc."

A esta nota o "Immigrant" no nº 4 de 26 de janeiro de 1887, publica o seguinte:

"Toda a lista sobre o movimento de exportação está baseada em informações fidedignas do navio "Progresso". Agradecemos a gentileza de elaboração desta lista ao sr. Victor Gaertner — (consul alemão) — que no interesse do município fez a pesquisa".

Um dos mais valorosos e dinâmicos comerciantes é o sr. Gustav Salinger que expressa sua opinião sobre a situação atual no "Immigrant" nº. 7, de 1887, da seguinte forma:

"No nº. 4 do "Immigrant" encontramos uma estatística sobre a exportação local. A mesma apresenta resultado satisfatório e a opinião dos estranhos à nossa região podem ter uma boa visão sobre nosso progresso. Mas mesmo assim, apesar deste resultado, que não é exagerado, a situação do exportador ainda não apresenta boas condições.

Os brasileiros convictos (melhor falando os "nativistas"), tão agressivos contra as colônias alemãs, devem eles próprios se perguntarem: o que seria exportado do Vale do Itajaí sem os colonos alemães? Estes senhores não podem prestar maior serviço à sua terra do que procurar trazer emigrantes alemães, e quantos puderem.

Aqui é necessário anotar que o Vale do Itajaí recebe o mais necessário da Alemanha.

Os moradores aqui não são como os da América do Norte concorrentes da agricultura e indústria alemã, mas sim compradores de mercadorias da Alemanha.

Mesmo os comerciantes brasileiros já manifestam sua preferência por produtos alemães e ingleses ou franceses que até agora dominavam o mercado.

A INDÚSTRIA

No Vale do Itajaí ainda está engatinhando. O governo recebeu algumas patentes e distribuiu direitos de fabricação exclusiva por um período de 20 anos.

As máquinas necessárias para a fabricação estão livres do imposto alfandegário e de todos os artigos fabricados no Brasil estão isentos do impostos de exportação.

Mas mesmo assim as indústrias ainda caminham mancando ao lado da agricultura, que deveria ser para este impulso vital.

O que aqui encontramos em indústria encontra-se exclusivamente em mãos de alemães.

Serrarias movidas à água existiam 47 na colônia Blumenau, e 6 movidas a vapor.

Moinhos cerca de 170. Uma moenda de óleo, instalada em 1884 pelo senhor W. Scheeffler, onde é obtido o óleo de mamona. Este óleo em 1886 chegou a ser exportado por cerca de 24.000 libras, e recebeu na feira de Berlim o primeiro prêmio.

Uma fiação de algodão e tecelagem encontra-se em Rio do Faltam; vivem ali 15.000 alemães Karstem e Hadlich.

A fábrica de meias e produtos de malhas dos irmãos Hering, instalada na cidade, oferece ótima mercadoria.

A fábrica de conservas do senhor W. Assenburg prepara principalmente os produtos agrícolas como: banha manteiga, e queijo para a exportação.

Cervejarias naturalmente não faltam; vivem ali 15.000 alemães, A colônia possui sete.

20 olarias abastecem o mercado interno.

Finalmente ainda seja mencionada a impressora do senhor B. Scheidemantel, que apresenta trabalhos tipográficos considerados por profissionais alemães como excelentes.

Tradução — Edith Sophia Eimer

VOCE SABIA?

— QUE a primeira Estação Telegráfica de Blumenau foi instalada e iniciou suas atividades em comunicação inclusive com o exterior, no dia 9 de julho de 1890?

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

UM DOCUMENTO QUE ORIGINOU A NOMEACÃO DE EDUARDO HOERHANN PARA O SERVIÇO DE PACIFICAÇÃO DOS ÍNDIOS EM IBIRAMA

Texto da carta dirigida pelo Dr. Generino dos Santos ao sr. Manuel Tavares MIRANDA, Chefe da 2^a. Secção do Serviço de Protecção aos Índios, em 28/05/1912

“Meu caro Miranda,

Cordeaes saudações.

Tenho o prazer de apresentar-lhe o meu jovem amigo Eduardo Hoerhann, filho unico e extremecido do meu dedicado amigo o Capitão-Tenente Miguel Hoerhann, emerito professor de educação physica na Escola Naval e Collegio Militar.

Não obstante a sua pouca idade, Eduardo é, como V. vê, um forte rapaz de porte athletico, áquem seu pae, desde a mais tenra idade, educou para succeder-lhe na profissão que exerce; possuindo, portanto, como ele, todas as faculdades de carater que essa educação sóe acrysolar, tornando-o um cavalheiro *sans peur et sans reproche*.

É, além disso, dotado da mais bem formada natureza e do mais alto espirito cavalheiresco; pois, achando-se actualmente empregado n'uma bôa casa allemã, deseja, enthusiasmado pelos briihantes sucessos da commissão Rondon, e com assentimento paterno, seguir-lhe o exemplo, auxiliando-o na cathechese dos nossos aborigenes que ainda vivem na selva brasileira.

Muito desejaria servir junto delle mesmo; para que melhor lhe podesse seguir o rasto luminoso; caso, porém, seja de todo impossivel, muitissimo grato lhe ficaria se V. lhe podesse obter um modesto lugar junto a algum dos nossos correligionarios que, como elle, se dedicam de corpo e alma, a essa nobre e patriotica cruzada civilizadora.

Peço, pois, que, nesse sentido, o acolha e encaminhe, com aquella captivante benevolencia a que V. me acostumou; fazendo todo o possivel para que lhe obtenha o almejado lugar; certo, de que, com isso, muito obrigará, a elle e ao

velho amigo certo

(assignado) G E N E R I N O.

37, Ladeira da Gloria. Rio,

28 — 5 — 912.

(Esta copia foi feita da copia fiel existente, em 28 de Janeiro do anno de 1929, aqui, e nossa casa sita em “PEDRAS GRANDES”).

Você Sabia?

— Que o Aeroporto “Quero Quero”, de Itoupava Central, Blumenu, foi inaugurado no dia 19 de abril de 1941? E QUE, no mesmo dia, contando com a presença do Interventor Dr. Nereu Ramos, foi iaugurado também o Grupo Escolar “Santos Dumont”, no bairro Garcia?

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: ROSA HERKENHOFF

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 16 de fevereiro de 1867:

Dona Francisca. A cultura do girassol já foi iniciada, por várias vezes, nesta Colônia, mas não teve prosseguimento. No ano passado o sr. Kalotschke, rua Santa Catarina, cultivou esta planta e obteve bons resultados. Seria interesse geral o cultivo da planta em maior escala, pois o conteúdo de óleo da semente de girassol — 40% — compensa o trabalho. Segundo notícias das "Deutsche Blatter" (Folhas Alemãs), da Alemanha, no ano de 1865 já foram produzidos 100.000 "Zentner" (1º) de óleo de girassol, no valor de 1.500.000 Rublos, dos quais a terça parte foi remetida para Stettin, Pomerânia, e rapidamente comercializada, por preços sempre crescentes. O óleo de girassol tem sabor agradável e no consumo se iguala ao azeite de oliva, que é de preço mais elevado do que o azeite de colza. Além disso, a planta do girassol ainda apresenta diversas outras serventias: as folhas servem para trato do gado, as flores fornecem colheita rica às abelhas, as sementes podem ser empregadas para engorda das aves e o bolo de óleo constitui bom alimento para as vacas, favorecendo a produção de leite. As sementes, prestando-se como ótimo ingrediente no preparo de confeitos, sopas e doces, sendo até mesmo substitutivo de leite de amêndoas. Tostadas e adequadamente condimentadas, servem de substitutivo do chocolate. Os cálices das flores, antes da floração, podem ser consumidas à guisa de alcachofras.

Nossa Colônia ainda não produz azeite em quantidade suficiente para o consumo. Muitos colonos se queixam do fato de não receberem dinheiro pelos seus produtos, que só podem ser trocados por mercadorias nas vendas, e no entanto não se beneficiam daquilo que está ao alcance de todos. Todos os anos saía da Colônia boa soma de dinheiro, com a compra de azeite e óleo de peixe, enquanto o simples cultivo de um pouco de ricino, de amendoim, de girassol etc., poderia evitar esta despesa. O azeite de colza, até agora produzido na Colônia sempre teve saída imediata.

Notícia de 16 de fevereiro de 1867:

Dona Francisca. CANJICA. Os colonos que plantaram milho branco, poderão aproveitá-lo ao máximo, transformando-o em milho triturado sem casca. A canjica, fabricada de milho branco pelo sr. Wetzsel, enviado à última exposição em Desterro, suscitou vivo inte-

Nota: (1º) "Zentner" — 100 libras.

resse, tendo o sr. Wetzel recebido várias encomendas. O processo de beneficiamento não apresenta dificuldade especial e o sr. Wetzel, sem dúvida dará a todo colono que se interessar pelo assunto, todas as informações a respeito.

Notícia de 23 de fevereiro de 1867:

Dona Francisca. O júri geral da Segunda Exposição Nacional de Desterro concedeu (além dos prêmios conferidos a Joinville e Blumenau) a Menção Honrosa ao Diretor da COLÔNIA BRUSQUE, por amostras de algodão, ao Diretor Todeschini, na COLÔNIA TERESÓPOLIS, por cereais, batatas, diversas quantidades de aguardente, fubá-algodão, erva-mate, tabaco e amostras de linho. Ao Diretor Schlappal da COLÔNIA ANGELINA, por uma coleção de cipós com referências ao emprego medicinal e industrial, por erva-mate e couro envernizado.

Notícia de 9 de março de 1867:

Dona Francisca. RESULTADOS DA COLHEITA. Como resultado da colheita de araruta do ano passado, a Colônia, Dona Francisca exportou um total de 15.181 quilos de polvilho de araruta. A terça parte foi diretamente para Hamburgo, uma pequena parcela para Porto Alegre e a maior parte para o Rio de Janeiro, a fim de ser embarcada para Londres e Nova Iorque. No Brasil o preço ainda é muito baixo e ainda muito incerta a cotação do artigo enviado à Europa, pois na Alemanha o polvilho não é empregado na alimentação, e sim como uma espécie de remédio e fortificante para doentes. Além disso, a procura diminuiu, após o lançamento no mercado, por parte de LIEBIG, de seus extratos de carne e de leite. . .

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

A preocupação com a ecologia há 50 anos

Segundo o "Der Urwaldsbote", de Terça-feira, 22 de novembro de 1938:

"Preservação da natureza também, na grande Blumenau

Quem não conhece a maravilhosa figueira que cobre quase 2/3 da estrada para Gaspar, bem junto a estrada principal? Ficamos sinceramente tocados e satisfeitos ao sabermos que esta árvore foi colocada sob proteção com uma placa, onde se lê:

"Monumento público Esta árvore fica sob guarda do povo"

Registramos este fato com grande alegria, que o governo empenhe-se a preservar a natureza.

Queremos chamar ainda a atenção das autoridades do "Aipinberg", para que não seja esquecido."

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

Das sagas ou histórias dos índios Kaingangues e Coroados

Pastor DR. ALDINGER

(Extraído do “Calendário Para os Alemães no Brasil”, editado por W. Rotermond, em São Leopoldo-RS, no ano de 1915, pg. 371)

Sob o título “Atualidades Indígenas” do Coronel Telêmaco Borba, de Tibagy no Paraná, foi publicado em 1908, em Curitiba, um artigo no qual relata suas experiências e observações entre os índios desde 1863. Encontramos neste artigo, informações interessantes sobre as sagas e nomes indígenas do Paraná e Santa Catarina, os Kaingangues, Coroados, Guaranyes, Guianas e Kaiguás.

Na vida espiritual dos povos indígenas, as sagas, mitos e canções, oferecem a melhor visão. Encontramos entre os Kaingangues um dilúvio e a criação do mundo que esclarece o atributo de vários animais (onça, tapir) e algumas tribos. Por exemplo: — Por que os Kayurukre têm pés pequenos e os Kamés grandes; por que os tamanduás bandeira não têm dentes. Kyurukre, quem o fez, só podia trabalhar à noite e quando amanheceu, faltavam ainda ao animal os dentes, língua e algumas garras; então depressa introduziu em sua boca uma longa haste e disse: Vá e come formigas, porque não tens dentes. Durante o dilúvio, os Kaingangues salvaram-se a nado, levando uma limalha incandescente na boca e subiram a montanha Krinjimbé. Como o espaço era muito pequeno, alguns subiram em árvores, transformando-se em macacos e os índios pertencentes à tri-

bo dos Kurntons tomaram a forma dos Bugios. Quando as dificuldades tornaram-se maiores, vieram as saracuras trazendo terra.

O cantar e o dançar dos índios também não o sabiam em princípio e suas festas antigamente eram monótonas e tristes. Foi então que o aprenderam de forma misteriosa do tamanduá. Por este motivo não matam nenhum tamanduá, porque julgam-no pertencente a um remoto gênero humano. Se encontram um tamanduá na floresta, jogam-lhe seu tacape. Se o animal o pegar os índios alegram-se porque nascerão meninos na tribo; mas se o tamanduá o rejeitar, nascerão meninas.

Antigamente os Kaingangues também não tinham fogo. Precisavam comer a carne crua ou seca ao sol. Somente Min-Arân, homem pertencente a uma tribo desconhecida, possuía fogo e o mesmo vivia só com a esposa e filha. Foi Fyetó, da tribo dos Kayurukré, que resolveu com astúcia apoderar-se do fogo. Transformou-se numa gralha branca e deixou-se levar pela água do rio até onde a esposa e filha de Min-Arân se banhavam. A moça viu o pássaro e pediu a mãe para pegá-lo, levaram-no para casa e colocaram-no junto ao fogo para que secasse suas penas. Min-Arân estava desconfiado quando

viu que o pássaro bicava lascas de lenha e disse: — Este não é um pássaro real; parece que quer roubar nosso fogo. Vou matá-lo. A filha começou a chorar e o impediu de fazê-lo. Fyetó, por fim, conseguiu pegar um graveto incandescente e voou. De Min-Arán, que quase conseguiu pegá-lo, acabou escapando, escondendo-se numa fresta de uma rocha. Então pôs fogo numa folha de palmeira seca, espalhando o fogo por uma grande área. Assim, agora, todos tinham fogo, e puderam, a partir dali, assar a carne. Min-Arán morreu de raiva.

Muito expressiva é a estória que os Kaingangues receberam sobre o milho. Seus antepassados, há muitos anos passados, só viviam de frutas e mel. Quando estes faltaram, passavam fome. Um velho da tribo, com longos cabelos brancos, de nome Nhára, tinha pena deles e certo dia disse a seus filhos e genros que derubassem, com seus tacapes, um pedaço de bambuzal e preparassem uma roça. Depois de feito o que havia mandado, o velho pediu que o levassem para o meio da roça; sentou-se e disse: — Tragam um cipó grosso e me envolvam com ele; arrastem-me em todas as direções e quando estiver morto me enterrem no meio da roça e vão por três luas para a floresta. Quando voltarem encontrarão a roça coberta por frutos; plantem os mesmos cada ano e nunca mais passarão fome. Os filhos do velho começaram a chorar, dizendo que nunca o arrastariam pelo chão, mas o pai insistiu dizendo: — “Se continuarmos assim a miséria nunca terá fim e muitos morrerão e também já sou muito ve-

lho”. Foi então que resolveram obedecer entre grandes lamentos; e depois todos partiram para a floresta. Passadas as três luas, regressaram e encontraram na roça não só milho, mas também feijão, abóboras e morangos.

Mais tarde, convidaram todas as tribos e distribuíram as sementes. Ao milho deram o nome da Nhára, em homenagem ao sacrifício do velho. O milho, os índios afirmam, é fruto de suas terras e não trazido pelos brancos.

Para um missionário seria uma tarefa gratificante fazer compreender a religião em seu sentido real, a um povo que tem semelhante saga.

Naturalmente chega-se a saber alguma coisa mais sobre a história destes índios e então abre-se o portal de muitas lutas, conflitos e mortes, assim como também entre outros povos em igual degrau cultural. Quando o Coronel Telêmaco Borba, em 1876, fez uma viagem ao Rio Paraná, um índio, Kaiguá Pedro Kadete, filho do cacique Dibanio, contou um episódio de tempos passados dos índios que habitam aquela região: — No tempo em que meu avô era cacique de minha tribo, nossa gente era constantemente atacada pelos Guaikurus, que viviam num afluente do Paraguai. Pequenos grupos dos nossos eram surpreendidos, os homens mortos e as mulheres e crianças arrastavam consigo. Os Kaiguás queriam viver em paz e dedicavam-se ao plantio. Partiram para a outra margem do Paraná e lá prepararam uma grande roça com muito milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar e algodão, voltando depois para casa. Depois

de quatro luas passadas, enviaram um pequeno grupo para verificar a plantação. Os enviados encontraram a plantação em sua maior parte destruída e ainda foram atacados à noite por desconhecidos. Somente dois conseguiram escapar numa canoa sobre o Paraná. Ao receber esta notícia, meu avô reuniu a tribo e atravessou o Paraná.

Chegando lá, encontraram oito guerreiros mortos e cinquenta tacapes ensanguentados. No dia seguinte, seguiram por picadas até a roça e na beirada da mesma havia uma choupana com um coroadado trançando um balaio. meu avô foi ao encontro dele, dizendo: — “Bom dia cunhado” e abateu-o com um golpe. Encontraram mais coroados na roça que estavam comendo milho e a-bóbora. Meu avô, com seus guerreiros, atacou-os, matando-os; só deixou dois para que estes voltassem para casa e pudessem relatar o acontecido. Quando voltaram à choupana, viram com surpresa que o índio abatido tinha desaparecido. Permaneceram oito dias na roça, aproveitando calmamente os frutos da mesma. Já tinham começado a recolher madeira para as choupas, quando certa manhã ouviram gritos da esposa de meu avô que tinha ido buscar água no rio. Correram para lá e foram atacados pelos coroados. Travou-se uma grande luta e muitos índios foram mortos, alguns aprisionados e à noite sacrificados sobre os túmulos de nossos guerreiros mortos.

Meu avô ficou desesperado com a morte da esposa que ele amava muito, e por longo tempo perseguuiu os assassinos, mas teve

que voltar sem ter conseguido seu objetivo. Ele foi o cacique mais forte e valente de nossa tribo e tinha todos os Kaiguás sob seu comando. Minha avó chamava-se Jacitin, que quer dizer “Lua Branca”. Dizem que foi a mulher mais bonita de nossa tribo. Ela tinha sido roubada quando criança, aos brancos no Paraguai, por guerreiros de meu avô.

Os anos passaram. Nós nos perdemos durante a caça; já escurecia e o coachar dos sapos anunciava chuva. Chegamos a um pântano onde viviam muitos jacarés. Na beira da floresta vimos fumaça e latidos de cachorros. Logo encontramos o cacique dos coroados Schak-Schonderé em seu rancho e que tinha feito boa caçada. Eu contei a Schak-Schonderé a história de meu avô. Então este falou: — Você contou bem; agora eu vou contar o resto. Eu, naquele tempo, já era adolescente. Meu pai era cacique da tribo e chamava-se Kohi. Era o mais forte dos guerreiros. Numa viagem no Rio Paraná descobrimos a roça e os frutos amadurecidos; ficamos e comemos. Vimos a chegada dos Kaiguás e nos escondemos para atacá-los ao amanhecer.

Permanecemos na roça. Certo dia eu estava trançando um balaio, quando senti um golpe na cabeça. Quando voltei a mim ouvi o ruído da luta e fugi. No segundo dia encontrei um homem que os Kaiguás tinham deixado fugir. Voltamos à nossa taba. Meu pai reuniu seus guerreiros para vingar os mortos. Aconteceu como você disse. Aqui na minha testa você ainda pode ver a cicatriz do golpe que levei. O cacique Kaiguá, teu avô, não

conseguiu seu intento, que era libertar sua esposa. Cansado de tanto procurar em vão, apareceu um dia na nossa taba, durante uma festa. Paramos a dança, olhou em direção da mulher, jogou com desprezo seu tacape a nossos pés e sentou-se a seu lado. Lembrando o golpe sofrido, apanhei o tacape. Quando viu que eu me dirigia em sua direção, ele cruzou os braços e olhou-me com um olhar de profundo desprezo, que fiquei assustado e perdi toda a coragem de atacá-lo. Coloquei o tacape ao seu la-

do. Foi então que meu pai pegou sua arma e dançando em sua volta, desferiu violento golpe na cabeça do cacique que caiu morto. Foi aí que a mulher pegou o bastão ao seu lado e abateu meu pai; ela mesma foi morta por uma lançada de um dos nossos guerreiros. Enterramos os três juntos.

Realmente, a história do sacrifício de Nhára e o grande amor de Papahis e Jacitins, merecem ser retirados do esquecimento.

Tradução: Edith Sophia Eimer

Informações biográficas

(Extraídas do Almanaque Willy Kalender." —
Ano 1955 — 11ª edição — pgs.: 162 a 164)

25 ANOS — MALHARIA BLUMENAU S.A. — MAFISA

"A "Malharia Blumenau S.A." foi fundada em 17 de dezembro de 1929 como sociedade irmanada à Indústria Têxtil Companhia Hering", pelos senhores Richard Gross e Ernst Steinbach, depois que seus filhos Ralph Gross e Ulrich Felix Steinbach fizeram um aprendizado no ramo têxtil na Alemanha. Os produtos são lançados no mercado sob a marca "Mafisa" e somente a melhor qualidade após rigoroso controle será exportado".

30 ANOS — CASA PEITER

"Ricardo Peiter assumiu em 1925, a casa comercial da Firma Kersanach & Cia. Com o rápido crescimento desta casa, o Sr. Ricardo Peiter construiu sua própria casa, na esquina da Rua 15 de Novembro travessa da Rua 4 de fevereiro (hoje Rua Ângelo Dias).

Depois da morte do Sr. Ricardo Peiter em 1941, sua esposa a Sra. Irene B. Peiter continuou à frente do negócio, nomeando como gerente da firma o Sr. Willi Belz, que já desde 1926 estava trabalhando na casa. Em 1946, no edifício da Mutua Catarinense, esquina da Rua 15 de Novembro com a Floriano Peixoto, foi aberta uma filial a "Seção de Modas", administrada pelo genro da Sra. Irene B. Peiter, o Sr. Jagow Lungershausen e a Srta. Heidrich. No ano de 1954 a Firma I.B. Peiter passou a ser "Casa Peiter S.A."

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

— DIA 1. — Foi realizada a solenidade de abertura do VI Congresso Regional de Iniciação Científica e Tecnológica de Engenharia. O ato verificou-se no anfiteatro da FURB, às 9,30 horas.

* *

— DIA 12 — Informações da imprensa (JSC) adiantam que só em Santa Catarina o IAPAS constatou até este dia, fraude que se eleva a um bilhão de cruzados.

* *

— DIA 14 — O Grupo Escolar “Adolfo Konder”, situado no bairro da Velha, registrou a passagem de seus 35 anos de atividades. O acontecimento foi comemorado com festividades internas.

* *

— DIA 15 — Em todo o país, registrou-se o pleito eleitoral que permitiu ao povo escolher os prefeitos e vereadores. Em Blumenau, o acontecimento cívico transcorreu dentro da mais perfeita ordem.

* *

— DIA 16 — A imprensa divulga com destaque a vitória de Wilson Kleinubing e Victor Fernando Sasse, respectivamente prefeito e vice-prefeito de Blumenau, pela legenda da coligação PFL-PDS-PL.

* *

— DIA 18 — A imprensa (JSC) noticia com destaque que o vice-prefeito eleito Victor Fernando Sasse, aceitou ocupar a Secretaria de Finanças, visando com isso dar mais apoio e tranquilidade à administração municipal.

* *

— DIA 18 — No hall de entrada da FURB, foi aberta, com coquetel, a “Exposição de Ensaios Fotográficos”, de Gladys Werner, e que teve a promoção do Foto Clube de Santa Catarina.

* *

— DIA 19 — Pelo Grupo de Teatro São José dos Pinhais, do Paraná, foi encenada, no Teatro Carlos Gomes, a peça de Eulália Radtke, “Portões de Ferro”, alcançando pleno êxito.

— DIA 19 — Com presença de numeroso público, realizou-se a festividade, no Aero Clube de Blumenau, de acrobacias aéreas. As evoluções das aeronaves e também exibições de paraquedismo, prosseguiram também no domingo e foram encerradas com espetacular exibição da Esquadrilha da Fumaça, da FURB, constituída por seis aviões.

* *

DIA 19 — Foi aberta a Exposição de Orquideas e Flores Ornamentais, promovida pelo Circulo de Orquidófilos de Blumenau e que mais uma vez realizou-se no Mausoleu Dr. Blumenau.

* *

— DIA 23 — A partir das 17 horas, foi instalada, nos pavilhões da PROEB, a Terceira Feira Internacional de Ciência e Tecnologia, a VII Feira Estadual de Ciências de Santa Catarina e a IV Exposição Científico-Cultural de Blumenau. O evento contou, além de representações de vários Estados brasileiros, com participação de jovens da Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile, todos na faixa etária de 8 a 16 anos, com trabalhos científicos em 12 áreas de estudos. Os estantes foram montados pelos 2.500 alunos participantes, apresentando 365 trabalhos. O acontecimento levou até os pavilhões da PROEB milhares de pessoas que foram aplaudir esses trabalhos e aquilatar o grau intelectual da juventude participante.

* *

— DIA 24 — Na Galeria Açu-Açu, foi aberta a exposição dos novos trabalhos em metal e fórmica do aplaudido artista Guido Heuer. Na mesma data, e mesmo local, Harry Laus lançou o "Indicador Catarinense de Artes Plásticas". Já na Galeria Municipal de Artes, foi aberta a exposição individual do escultor Pita e do fotógrafo Juan I. Hossel, com a mostra histórico-fatagráfica mundial.

* *

— DIA 25 — Segundo a imprensa local (JSC), nada menos do que doze mil pessoas estiveram no dia anterior (24/11), visitando as Feiras de Ciências instaladas nos pavilhões da PROEB.

* *

— DIA 25 — A FURB e o Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica promoveram em Blumenau a partir da data acima, a exposição "A Crise da Lenha", um alerta contra a devastação florestal no país, que a cada ano acontece em 125 mil quilômetros quadrados.

* *

— DIA 26 — Promovido pelo Guaraní Esporte Clube, de Itoupa-Norte, realizou-se o Torneio Internacional de SKAT, do qual partici-

param, além de representações brasileiras, nada menos do que uma delegação composta por 42 jogadores alemães.

* *

— DIA 27 — Encerrou-se a Exposição Científica realizada na PROEB, cujo êxito foi total, tendo a mesma sido visitada durante os dias de exposição, por aproximadamente 40 mil pessoas.

* *

Dezembro — 1988

— DIA 10 — No palco do Centro Cultural 25 de Julho, realizou-se acontecimento de alto nível cultural: a abertura da festa de Natal, com a apresentação dos corais, juvenis, misto e masculino, reunindo nada menos do que 90 cantores daquele importante clube cultural blumenauense.

* *

— DIA 10 — Com a presença de 30 representantes de vários municípios do Estado, foi criada, em Florianópolis, a Federação das Entidades Ecológicas Catarinenses, buscando com essa medida estruturar ainda mais a campanha geral em defesa do meio ambiente e da preservação ecológica do Estado.

* *

— DIA 11 — Encerrando suas apresentações no corrente ano, a Orquestra de Câmara de Blumenau, integrada ao Teatro Carlos Gomes, promoveu espetáculo com a apresentação de "Messias", composição de Haendel.

* *

— DIA 18 — Segundo divulgou a imprensa (JSC), a Rede Feminina de Combate ao Câncer, que em 1988 registrou 15 anos de atividades, procedeu, no mesmo ano de 1988, nada menos do que exames em 6.445 pacientes, com 221 horas de trabalho, tendo diagnosticado diversos tipos de câncer de colo uterino e de mama. A rede foi fundada por um grupo de voluntárias e é uma entidade filantrópica que tem por função o exame preventivo da doença.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Comunidade Católica de Santa Isabel - Garcia - Notas

Pe. Antônio Francisco Bohn

Em 1854 chegavam a Blumenau os primeiros católicos num total de oito austríacos. Bem se compreende, porque, de início, os imigrantes vinham quase todos de religiões luteranas na Alemanha. Porém, desde 1839, mais de sessenta famílias católicas, procedentes de São Pedro de Alcântara, haviam fixado residência em Gaspar. A 29 de junho de 1850, celebrava-se a primeira festa de São Pedro Apóstolo, sendo celebrante o vigário de Itajaí.

Em 1858, a capela construída em Gaspar tornou-se privilegiada, recebendo o padre Alberto Francisco Gattone como residente. O registro de 1861 indica famílias católicas no Garcia, na vizinhança da encruzilhada onde um caminho se dirigia para Guabiruba e outro para Encano Alto. Registre-se os nomes de Augusto Sutter, André Zoz, Damião Meier, Augusto Bader, Bugmann, Beiler e Vogel. Beiler tinha construído uma casa maior, que depois de sua morte serviu de capela provisória, onde se faziam piedosas reuniões aos domingos. Assim, um grupo de adultos desse núcleo, com regularidade assistia à santa missa do Pe. Gattone, na primeira capela de Belchior Baixo.

Surgiu neles o desejo de ter missa em território próprio. Por isso, o Pe. Gattone incentivava-os

a construir uma capela. Com a gente do Garcia, puseram mãos à obra e a 25 de janeiro de 1865 celebrou-se a primeira festa do padroeiro São Paulo Apóstolo, com missa e procissão.

No ano de 1870, o número de católicos de toda a região Garcia não passava de 95. Seis anos depois, chega a Blumenau o padre José Maria Jacobs, primeiro vigário de Blumenau e responsável religioso da nova paróquia, a ser criada em 8 de fevereiro de 1878 por Dom Pedro Maria de Lacerda, bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro (§).

Em 22 de maio de 1892, o padre Jacobs entrega a paróquia aos franciscanos: Frei Amando Bahlmann, Frei Zeno Mallbroehl e Frei Lucínio Korte. Eram então treze as capelas existentes.

No dia 21 de março de 1904, o Exmo. e Revmo. Don José de Camargo Barros, bispo de Curitiba, deu licença para a bênção solene da pedra fundamental da capela Santa Isabel, no Garcia, primeira Igreja a ser construída no Garcia. No 1º livro do Tombo da Paróquia de São Paulo Apóstolo, pág. 75, nº 280, encontra-se o termo de bênção da capela:

“Em virtude da faculdade que foi concedida aos 26 de julho do corrente anno, aos 30 de julho de mil novecentos e cinco, às nove

(§) Blumenau pertenceu ao bispado de São Sebastião do Rio de Janeiro, até que foi criada a diocese de Curitiba (26.05.1892), passando depois para o de Florianópolis (1908) e finalmente ao de Joinville (17.01.1927).

horas da manhã, o Rev.mo. Pe. Lucínio Korte, O.F.M., provincial dos franciscanos, benzeu a capella de Santa Isabel de Hungária de Garcia, usando neste acto da formula prescripta no Ritual Romano. E para constar lavrou-se este termo que assignei.

Blumenau, 1 de agosto de 1905 — Frei Chrysologo Kampmann, O.F.M.”.

Aos 26 de julho de 1905, o bispo de Curitiba, através do Pe. Desidério Deschand, envia uma provisão quinquenal de celebração de missas para a capela de Santa Isabel e licença para benzer a imagem da padroeira (1.º livro do Tombo, pg. 75 n.º 260). No dia 19 de novembro de 1905, o Revmo. Frei Dionysio Mebus benze a imagem de Santa Isabel (1.º livro do Tombo, pg. 79, n.º 280).

A capela era visitada uma vez por mês. Celebrava duas festas principais, no segundo e terceiro domingo de setembro: festa de Nossa Senhora das Dores padroeira da Associação das Mães Cristãs e 19 de novembro: festa de Santa Isabel que sempre era transferida para o domingo posterior ao dia 19 (3.º livro do Tombo, pg. 3).

Em 1924, o chamado “Conselho da Fábrica que era composto dos seguintes senhores. Augusto Faht, presidente; José Gorch, tesoureiro; Francisco de Oliveira, José Pfiffer, Gosvino Beades e Pedro Pamplona, conselheiros (3.º livro do Tombo, pg. 3).

A capela era visitada sempre no segundo domingo de cada mês pelos padres franciscanos para a celebração da missa e demais officios religiosos, bem como

o atendimento através dos sacramentos (3.º livro do Tombo, pg. 8).

No dia 31 de janeiro de 1926, o bispo de Florianópolis renovou as provisões dos “Conselhos de Fábrica” da capela Santa Isabel: Augusto Faht, José Grch, Francisco de Oliveira, José Pfiffer, Gosvino Baades e Pedro Pamplona.

Em 1942, dá-se a bênção da pedra fundamental da nova Igreja de Santa Isabel e de N. Senhora da Glória, ambas no Garcia.

No dia 11 de fevereiro de 1957, Dom Inácio Krause C. M., administrador apostólico da diocese de Joinville concedeu nova provisão de funcionamento da capela Santa Isabel: “Fazemos saber que, tomando na devida consideração o que em sua petição nos requereu o Revmo. Snr. Padre Vigário de Blumenau, relativamente à Capela Santa Isabel, filial da Matriz de Blumenau, Freguezia deste Bispado, preenchendo a dita capela, as disposições da Pastoral Coletiva dos Snrs. Arcebispos e Bispos do Brasil, tendo em vista, além disto, as vantagens espirituais dos habitantes do dito lugar, Havemos por bem provisionar, como de facto provisionamos pela presente, a sobredita capela, pelo tempo de um ano, para que possa servir ao Culto Público, nela se celebrar o Santo Sacrifício da Missa e, Servatis Servandis, administrarem-se os demais Sacramentos da Igreja. Cumprir-se-á como nela se contém e declara, devendo ser registrada em a nossa Camara Eclesiástica e no Livro do Tombo, a Freguezia acima dita”.

No dia 27 de dezembro de 1958, Dom Gregório Warmeling, bispo

de Joinville, assina nova Provisão para a Capela Santa Isabel, a pedido de Frei Braz Reuter, O. F. M.

A Capela Santa Isabel continuou sendo atendida regularmente pelos padres franciscanos, até a criação da paróquia Nossa Senhora da Glória, posteriormente passou sob a jurisdição da paróquia Santo Antônio, ambas no bairro Garcia.

Em 15 de dezembro de 1981, o Revmo. Pe. Miguel Rosseto, vigário da Paróquia Santo Antônio, em entendimentos pessoais e por escrito, encaminhou o pedido de criação da paróquia Santa Isabel, desmembrando-se pelas seguintes razões:

1. A Paróquia Santo Antônio era por demais extensa: mais de 35.000 habitantes e 7.000 famílias.

2. No território da nova paróquia, estavam sendo constituídos novos loteamentos, que previa um crescimento muito rápido.

3. A mentalidade das comunidades da nova paróquia Santa Isabel era diferente da matriz.

4. Para conseguir a implantação dos grupos de pastoral era necessário uma presença mais constante e próxima do animador pastoral.

5. A nova paróquia dispunha de condições humano-financeiras para sua manutenção.

6. Um número aproximado de 2.100 famílias passariam para a nova paróquia.

Como resposta a este pedido, Dom Gregório Warmeling, em data de 16 de dezembro de 1981, crige o Decreto de Criação da Paróquia Santa Isabel, cujo teor segue: "Face à exposição feita e

em atenção a vários pedidos explícitos da Comunidade de Santa Isabel de se constituir em sede paroquial resolvemos constituir oficial e canonicamente a Paróquia de Santa Isabel, no bairro Garcia, na cidade de Blumenau, com limites provisórios até um redimensionamento geral de todas as paróquias da cidade. Os limites da paróquia são: As comunidades de Santa Isabel, São Cristóvão, Nova Rússia e as futuras comunidades do Sestrem e do Sagrado Coração de Jesus na entrada do Encano e Alto Encano, tendo os limites demarcados pelo mato na direção de Indaial e Gaspar e em direção ao centro de Blumenau com a atual Paróquia de Santo Antônio na Ponte Rulenski e final da Júlio Heiden. Peço a todos os diocesanos compreendidos nos mencionados limites recebam com amor e solicitude o seu primeiro titular Pe. Gustavo Berteia, hipotecando a ele o indispensável apoio e solidariedade, em todas as suas atividades espirituais e materiais. Cristo e a sua Igreja há de ser sempre o ponto de referência de todos os trabalhos numa afirmação positiva de um cristianismo adulto".

A nomeação do primeiro pároco, Pe. Gustavo, acontece por provisão de Dom Gregório em data de 17 de dezembro de 1981, nomeando-o por tempo indeterminado, assumindo sua função aos 10 de janeiro de 1982.

Aos 22 de abril de 1982, é nomeada e empossada a primeira diretoria, depois da criação da paróquia Santa Isabel, assim constituída: para um triênio: presidente: Alcides Raul; Vice-presidente: Antenor Nicoletti; primei-

ro secretário: Silvestre Schlindwein; segundo-secretário: Moacir Bonanoni; primeiro tesoureiro: João Lider; segundo-tesoureiro: Manoel Tillmann; Conselheiros: José Vicente, Daniel Bissini, João Nilton Gonçalves, João Inácio da Silva, Genésio Nicoletti e Deonísio de Oliveira.

No 1º livro de batizados, encontramos o primeiro registro de MÁRCIA JOCELENÉ MARCHI, nascida em 19.12.81, batizada em 17.01.82, filha legítima de José Carlos Marchi e Maria de Lurdes Marchi. Foram padrinhos: Jair Francisco Zanela e Angelita de Souza. Até a presente data, foram feitos 1.300 registros de batismos.

No 1º livro de casamentos, encontramos o primeiro registro do casal Têlvio José Klock e Maria Lucia Seberina Lucinda. Ele, nascido em 11.10.1956 em Gaspar, filho de Bonifácio Henrique Klock e Clara Catarina Klock, ela, nascida em 13.09.1956 em Governador Celso Ramos, filha de Sebastião Nicolau Lucinda e Siberina Alves Lucinda. Até a presente data, foram realizados na paróquia 342 casamentos.

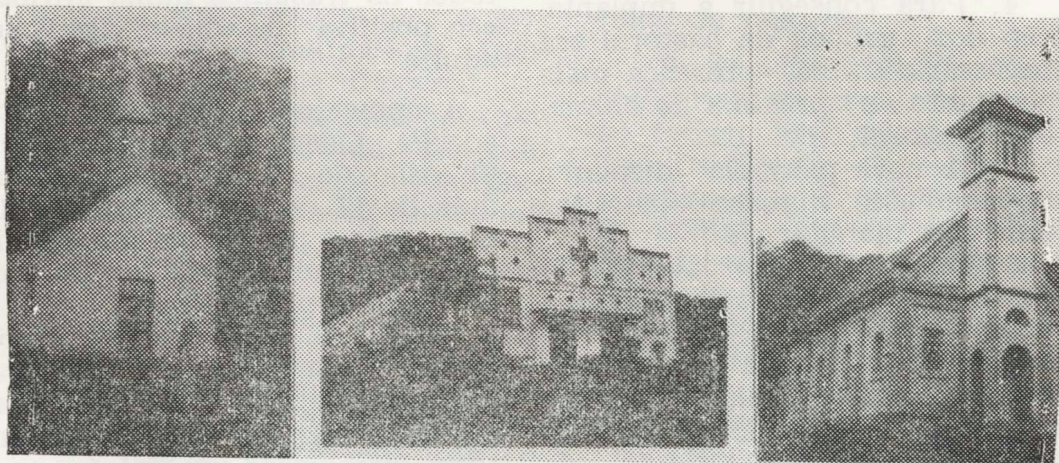
Pe. Gustavo Bértea atendeu a paróquia até 26 de dezembro de 1982, quando então assumiram os padres Alberto Gritti e Alcido Kunzler o atendimento pastoral aos domingos. A nomeação é feita aos 21 de abril de 1983.

Aos 24 de fevereiro de 1985, Pe. Irineu Lückmann, é nomeado Administrador Paroquial de Santa Isabel e aos 04 de abril de 1986, Pe. Elói Dorvalino Kock é nomeado Vigário Paroquial, dado os inúmeros trabalhos pastorais.

Aos 14 de fevereiro de 1988, Pe. Anônio Francisco Bohn é nomeado segundo Pároco de Santa Isabel.

O atendimento pastoral da Paróquia Santa Isabel compreende as seguintes capelas e comunidades:

1. Capela São João Batista, Nona Rússia.
2. Capela São Cristóvão, Rua Rui Barbosa.
3. Capela São José, Encano.
4. Capela Senhor Bom Jesus, Faxinal do Bepe.
5. Escola Pe. José Maurício, Rua Progresso.



O clichê acima mostra, nas laterais, as duas capelas primitivas e, no centro, a atual paróquia Santa Isabel

A atual paróquia Santa Isabel conta com aproximadamente 20.000 habitantes e mais de 4.000 famílias. Basicamente constitui-se de trabalhadores de indústrias têxteis e comércio. Pertence, juntamente com as demais

12 paróquias à Comarca de Pastoral de Blumenau.

O lançamento da pedra fundamental da terceira capela e, hoje, Matriz de Santa Isabel deu-se aos 13 de agosto de 1967.

A história de Ibirama na correspondência dos Imigrantes

Carta assinada por P. J., endereçada ao sr. Zapff e publicada no jornal "Der Hansabote", edição nr. 12 do dia 7 de setembro de 1907, ano 3:

"Cythra — Leipzig, 22 de abril de 1907:

O senhor ficará surpreso ao receber esta carta. Creio que não se lembra de mim, mas o senhor, sua esposa e também os srs. Treuber e Mikozeit, aparecemos juntos numa fotografia.

Eu estive no Brasil em 1903 e me arrependo de não ter ficado. Aqui a falta de trabalho é grande. Lamento todo dia por ter deixado o Brasil novamente.

Na Alemanha cada ano a situação piora. Se tiver a minha colônia lá e paga, estou bem, pois aqui ninguém pode dizer que com dois mil marcos possa garantir o pão de cada dia. Lá posso fazê-lo com este dinheiro e assim em breve nos veremos novamente. Também meu amigo há muito tempo voltou a Joinville. Ele esteve comigo primeiro na Hansa. O senhor também o conhece. O mesmo escreveu para mim, dizendo que não voltaria à Alemanha.

Será que a estrada de ferro vai ser construída? Nos jornais daqui, ultimamente muito foi escrito a este respeito. Sobre as colônias no Brasil, muito ouvimos falar e também lemos. Foi por acaso que numa visita a Wahren, num restaurante, também estavam falando sobre o Brasil e o dono do estabelecimento disse que era seu parente, mostrando a fotografia da qual falei. Foi assim que obtive o seu endereço e seu nome.

Por favor escreva em breve contando detalhadamente o que está se passando na terra. Ah! se eu já estivesse de regresso a este belo país! Assinado — P.J."

"Der Hansabote" nr. 12 — Ano 3 — Hamônia, sábado, 7 de setembro de 1907. — De uma carta de A. K., da Argentina. — "Aqui em Salvatierra, a colonização é diferente do que na Hansa: O colono recebe 50 hectares de terra a 25 pesos o hectare, (a 1\$500). O comprador precisa pagar de entrada 5 pesos por hectare e o restante em 4 anos, sem juros. Agora o colono é enviado a uma colônia e entregue à sua sorte. Outras circunstâncias não existem. A colônia tem 100 me-

tros de fundo, sem água potável. Cada colono precisa armazenar água de chuva ou viajar 50 quilômetros com uma carroça para conseguir a mesma. Não aconselho ninguém comprar terra aqui. Quando alguém como eu cresceu nas montanhas, dificilmente se sente bem na planície. Eu perdi a vontade na imigração e muitos outros sentem o mesmo. A maioria dos que encontrei trabalha como peão e a mulher como empregada. Chegar a adquirir al-

gum dinheiro na Argentina é impossível. O que Bratz e Stoeckel receberam sobre o Chile é mentira. Eu estive na província Valdivia, numa colônia "Union". Os colonos que chegaram há 2 ou 3 anos, não têm nenhum gado nem porcos, como o colono de Blumenau está acostumado a ter. Eu vou voltar a Hansa. Lá também posso viver. Quando a ferrovia for construída, também haverá trabalho". — A. K."

Fato curioso na história da "Volksverein" (Soc. Popular)

O que publicou o "Blumenauer Zeitung", Ano 22 — nº 7 — sábado, 14 de fevereiro de 1903:

"Aos senhores do Volksverein agradeço imensamente por ter riscado meu nome do quadro de sócios, antes que eu mesmo o fizesse.

Acho abaixo da minha dignidade de manter contatos com pessoas cuja única preocupação é enganar com vis mentiras os colonos.

Eu já paguei minha mensalidade para o ano todo, contribuindo assim para o bem estar do secretário.

Isto é para mim satisfação, mas futuramente não quero nada com estes senhores, que de tanta fome não podem andar retos.

ass.: **Karl Hordina**"

Correção de uma informação

Na nossa edição de abril de 1988, publicamos à página 110, a biografia de Rodolfo Thomsen, na secção "Figuras do Presente". Na página 112, quando nos referimos à distribuição das bebidas Antártica, no último tópico, torna-se necessário acrescentar a seguinte informação:

No início da década de 70, a empresa passou a produzir refrigerantes com a marca "Thomsen". Com este novo direcionamento das atividades a distribuição dos produtos Antártica foi entregue a uma outra empresa. Já que em 1979, Bebidas Thomsen passou a produzir os refrigerantes Antártica em regime de franquia para o Estado de Santa Catarina. Para tanto foram realizadas novas ampliações e investimentos em maquinário, sendo encerrada a fabricação dos produtos com a marca "Thomsen", com exceção dos xaropes e do vinagre, que continuam sendo produzidos pela empresa".

Os imigrantes alemães no Brasil e considerações de Vieira da Rosa

O JORNAL "DER URWALDSBO-TE" — ANO 23 — Nº 11, PUBLICOU, NO DIA 6 DE AGOSTO DE 1915, O SEGUINTE TRABALHO SOBRE A VALORIZAÇÃO DO IDIOMA ALEMÃO, DAQUELE ILUSTRE MILITAR DE SAUDOSA MEMÓRIA:

"No nosso suplemento em português, publicamos hoje dois artigos, do Capitão Vieira da Rosa, que recomendamos para a leitura. Nós agradecemos muito ao Capitão Rosa que, nestes tempos difíceis da guerra, sempre mostrou-se um defensor dos alemães e teuto-brasileiros.

UM DESMENTIDO

Na faina inglória e impiedosa de achar mau, sistematicamente, tudo que é teuto, alguns de nossos patrícios, cegos pelo rancor que eles mesmos, não explicam, apregoam que o alemão e seus descendentes recusam a aprendizagem do vernáculo, o que é uma mentira torpe, uma alevosia sem nome.

Nenhum, pelo menos aqui, se recusa aprender nossa língua, e se não a conhecem, é simplesmente porque a ocasião de familiarizarem-se com ela jamais se apresentou. Tenho a obrigação de acreditar na sinceridade de todos, e quando um colono lamenta que seu filho não possa aprender o idioma do país, seja ele alemão, polaco ou italiano, estou certo de que fala sinceramente, porque, é óbvio, ele bem

sabe que, quem fala duas línguas vale por dois.

Se os colonos alemães quisessem ser tão exclusivistas, vivendo como vivem, isolados por estes sertões, ser-lhes-ia fácil censurar a língua teutônica, pois ninguém iria proibir que se expressasse na mesma, enérgica e rica, que se houve desde o Reno até Königsber.

Eu poderia citar exemplos inúmeros, que observei, desde Glória, no nosso limite meridional, até os confins do Curisco, nestes sertões bravios, onde a onça e o bugre ainda cometem suas depredações.

Citarei somente o que observei aqui em Curitiba, onde a opinião é favorável à Alemanha, onde todas as simpatias se voltam para o grande império e onde os votos são pela vitória de suas armas.

Essa simpatia é justificada pela presença de muitos descendentes de alemães que pelo seu proceder correto, respeitoso e ordeiro, souberam se impor na opinião, chamando a atenção para a sua raça.

Não há aqui quem não conheça essas famílias Goetten, Granemann, Carlin, Drissen, Hau, Arbighan, Raus, Weber, Walter e tantos outros, verdadeiros brasileiros pela língua, pelos costumes e pelo sentimento. E o que significa este fato, que é, sem conteste, a prova em contrário do que se apregoa, de repulsa alemã pela nossa língua? Significa apenas que, pelo fato de se acha-

rem de contínuo com brasileiros de outras procedências, não só aprenderam o vernáculo, mas esqueceram a língua de seus pais, o acho francamente censurável.

Eu sou brasileiro e não admito que nenhum outro seja-o mais do que eu, mas na minha casa, inter-muros, só se fala o alemão, afim de obrigar meus filhos a prática de uma língua que lhes facilitará a vida futura e o conhecimento das belezas de Goethe, Shiller, Uhland e tantos outros sábios, poetas e artistas. Aprenderão o francês, afim de que se habilitem a ler na própria língua os notáveis autores da velha e simpática França.

E por pensar assim, acho que aqueles colonos que esquecem a língua de seus pais, tem cometido não um erro, mas um crime. Mas, na observância desses fatos, se por um lado achamos maus, por outro deixamos de repositarmos porque são o desmentido cabal da propaganda má, venenosa, que por aí se faz, contra um elemento ao qual só o bem devemos.

A NOSSA IGNORÂNCIA E MELINDRES

Haverá coisa que mais desgraçada do que ouvir a verdade? Estamos tão pervertidos, pobre humanidade! que as verdades só nos causam constrangimento, quando expressas!

Que negro gostará que se

lhe chame: oh! negro! Que feio homem ou mulher, admite que se lhe chame assim? É geral, é medida e regra.

Então aqui, onde tantos elementos técnicos e, por isso, tantos caracteres, tantos temperamentos diversos existem, a causa chegou onde podia chegar.

Somos um povo naturalmente inteligente mas, seja-nos lícito dizer — ignorantes.

É claro que muitas exceções existem, mas essas, com franquesa, não vem em grande numero e conservam-se num mutismo imperdoável, com uma modéstia impatriótica ou, como succede com o exército onde existem verdadeiras notabilidades que, forçados pela disciplina, não poderão se expressar, em dados assuntos com a franquesa que o escrito civil tem, pois que não está preso pelos laços fortes de obediência militar.

Foi justamente devido a santíssima ignorância que os forjadores de telegramas e artigos faziam avançar as terribilíssimas avalanches russas, para em 15 dias chegarem a Berlim.

Devido a ela, a pobre esquadra alemã, achava-se engarrafada em Kiel e a formidável frota inglesa a estorvar-lhe o passo ao Mar do Norte, depois das três ou quatro quedas de Helgoland.

Ainda por causa dessa baixíssima ignorância morre a Alemanha de fome já há dez meses, enquanto se mantém heróica e firme nos territórios inimigos,

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

que arroteia e explora, em seu proveito e no da própria população nacional.

Foi a densa ignorância que anunciou a falta de aço para granadas, como se aço fosse algum minério especial, algum corpo simples, e não uma combinação de ferro e carvão e ferro que há em abundância na Alemanha e nos 90% das fundições do norte francês e da Bélgica. A ignorância fez tudo isso, e os nossos melindres tornam-se excepcionalíssimos porque só nos ofendem se alguma dura verdade é proferida por lábios alemães. Se parte de um francês ora deixa, é gracejo, e espírito gaulês é... digamos, senvergonhismo.

Se um alemão (dêmos um

exemplo), se Sellin na sua geografia do Brasil, depois de muitos elogios, diz algumas verdades, oh! alemão infame, só se enxergam as verdades duras, mas verdades, que são consideradas ofensas e que precisam ser repetidas.

O nosso melindre não admite senão as verdades agradáveis ou, desde que sejam agradáveis, as mentiras interesseiras dessas que, olhos fitos em alguns milhares de francos, fazem discursos apologéticos aqui, para depois na Europa tratarem de praga de bichos de pés, etc..

Capitão Vieira da Rosa"

(Tradução de Edith Sophia Eimer)

A luta de Brusque pelo sonhado ramal ferroviário

Interessantes notícias publicadas pelo jornal "Der Urwaldsbote", do dia 27 de outubro de 1909, ano 17, nr. 34.

"De nosso Estado:

Pela lei nº 837, de 2 de outubro de 1909, o sr. Karl Renaux recebeu a concessão para a construção de uma estrada entre o Ribeirão do Ouro no Município de Brusque e o Porto de Itajaí. O empresário recebe uma subvenção de 3:000\$ por quilômetro até 70 quilômetros, pagável em títulos estaduais. A concessão tem uma validade de 30 anos, durante este período o concessionário tem o direito de exploração da

mesma estrada. Compromete-se o mesmo o transporte de pessoas e viaturas por preços que foram estabelecidos pelo governo e por todo o transporte do governo uma redução de preço de 25%. Compromete-se ainda para uma redução de 30% referente ao transporte de material de construção para o Governo, como cimento, etc..

O objetivo da estrada é favorecer a construção da fábrica de cimento em Ribeirão do Ouro. O concessionário terá isenção de impostos por 10 anos e 6 anos de liberdade para exportação. A construção de acordo com o contrato deverá iniciar-se dentro

de dois anos a partir da assinatura”.

SOBRE O MESMO ASSUNTO

“Der Urwaldsbote” — ano 17, nº 48, 15 de dezembro de 1909:

“De nosso Estado: — “De Brusque recebemos no dia 6 do corrente mês a seguinte notícia:

O sr. Karl Renaux telegrafou sábado de Desterro ao Superintendente sr. Wilhelm Krieger: O contrato para a construção de um ramal da ferrovia Brusque foi assinado. Amanhã chegará o sr. Scheffer a Brusque. Conferencio na segunda-fei-

ra na Câmara sobre a desapropriação necessária.

Reina uma alegria geral em Brusque, porque finalmente esta cidade também alcançou um lugar ao sol, bem merecido ao nosso ver. O sr. Scheffer já compareceu segunda-feira na Câmara de Brusque, entregando as suas exigências sobre as desapropriações (o que já aconteceu). Esperamos que tudo corra bem agora para que o Sr. Renaux possa iniciar a construção de sua fábrica de cimento. Em primeiro lugar é preciso agradecer ao dr. Lauro Müller ao qual se deve que Brusque terá finalmente uma via férrea”.

RÁPIDAS BIOGRAFIAS DE PERSONALIDADES DE NOSSA HISTÓRIA

publicadas no livro “Centenário da Emigração Alemã em Santa Catarina” de Gottfried Entres - página 251:

Biografia de José Deeke

Nasceu em Blumenau; profissão: engenheiro.

Foi por muitos anos diretor das Colônias Hanseáticas.

Publicações: Das Municip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte” (O município Blumenau e sua história de desenvolvimento) publicado pela editora Rotermund e Cia. São Leopoldo.

Foram igualmente publicadas as novelas: “Auf dem Wege der Politik” (No caminho da política); “Die Freundschaft” (A amizade) Albert Kornfeld todas editadas pelo Rotermund Kalender.

Outras pequenas histórias foram publicadas no “Hausfreund” (Amigo do lar) e “Neue Heimat” (Nova pátria).

Cooperou com vários jornais com artigos referentes a agropecuária.

Biografia de Emma Deeke; nata Rischbieter:

Esposa de José Deeke.

Romance: “Liebe und Pflicht (Amor e Dever) publicado no Rotermund Kalender, assim como outras pequenas histórias para o Rotermund e “Urwaldsbote”.

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade **inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.**

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S3015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Elimar Baumgarten; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMBROS: Arthur Fouquet — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruening — Ulda Alice Klueger — Willy Sievert — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA
COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ
VESTIA A MACIEZ DAS CAMISetas E
ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE
NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS
IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM
ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA
INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS"
E A HERING TÊM MUITO EM COMUM.
ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS
VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA